

Livro:
CANTORIA

Flávio Tallarico

2ª edição – 1981 – esgotado

**Do Autor: POEMAS DO MOMENTO ANGUSTIADO —
1963 - esgotado**

Capa: JORGE LUIZ PIEROBON

Produtor e Editor: LUIZ CARLOS DE LIMA

Revisão: VICENTE DE PAULO TALLARICO ADORNO

Copyright © by: Flávio Tallarico

**Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução integral
ou parcial da obra, sem autorização expressa do Autor.**

Tallarico, Flávio – 1941

CANTORIA ©

Crônicas e Poemas

1- Crônicas e poesias brasileiras I- Título

Editor: Luiz Carlos de Lima 1981 Descalvado SP

O AUTOR

Flávio Tallarico iniciou-se na literatura em 1963, com o lançamento do livro “Poemas do Momento Angustiado”, época em que morava em São Paulo, Capital.

Além de escritor, dedicou-se também à música e, nesse campo, após o lançamento do livro, teve atividade mais intensa.

Participando de conjuntos musicais de São Paulo gravou seu primeiro disco LP em 1964, como integrante do grupo “Os Berimbóis”. Apresentou-se com este conjunto durante seis anos na noite paulistana, em atividades como gravações de discos, bailes e shows.

Tendo a maior parte de seu tempo absorvido pela música, que acabou se impondo através de uma carreira profissional, sua atividade literária ficou restrita aos pequenos intervalos que lhe permitiam sua ocupação musical.

Uma nova fase em sua carreira de músico viria em 1970, com a formação do conjunto “Musical 5”, como decorrência do amadurecimento do antigo grupo “Os Berimbóis”.

Nesta fase, a carreira musical de Flávio Tallarico atingiu seu ponto máximo, sendo o grupo “Musical 5” convidado a participar dos mais importantes eventos, dentro de sua especialidade, culminando com o lançamento do segundo LP.

Com a invasão da música alienígena e a proliferação do modismo “Discoteque”, através de gravações em fitas cassete, a estrutura da música ao vivo ficou seriamente abalada e, conseqüentemente, provocou a dissolução de grande número de grupos musicais, criando dificuldade de subsistência à maioria dos profissionais.

Diante desse quadro, a literatura volta a assumir papel importante na vida de Flávio Tallarico. Em 1976, já amadurecido, volta com a família para Descalvado e reencontra-se com a poesia.

Começa a trabalhar na imprensa descalvadense como repórter e redator do Jornal do Vale e, depois, jornal Tribuna de Descalvado, publicando em ambos suas crônicas e poesias.

“CANTORIA” nada mais é do que o resultado final da longa caminhada através da música, traduzida em suas poesias e crônicas, que condensam o universo do homem e suas angústias.

Luiz Carlos de Lima

Nota do Autor

O conteúdo deste caderno, como o anterior, procura a mesma proposta: o homem e suas angústias. A simplicidade da vida, hoje tão complicada, se evocada em seu estado de pureza, faz renascer em cada universo raízes aparentemente secas de sua infância que, em realidade, agarradas de maneira profunda em cada subconsciente, sustenta o hoje homem-máquina, em sua maioria afastado da verdadeira visão de seu mundo.

Não cabe senão à arte, despertar e libertar o homem de sua opressão. Isto a arte só o conseguirá, se simples como a vida em sua origem bíblica: “*E Deus fez o homem de barro à sua imagem e semelhança, dando-lhe vida com um sopro divino*”. A própria explicação divina da criação haveria de ser simples, para ser entendida por todos.

Assim, creio eu, a poesia. Sem chaves, mistérios ou dogmas. Apenas o instante captado em sua pureza. Os exegetas virão depois, com os críticos, tentar encontrar a verdadeira mensagem que o homem comum há muito já entendeu.

C
A
N
T
O

D
A
S

O
R
I
G
E
N
S

CANTO DE EXALTAÇÃO E SAUDADE

— I —

Um poeta de 1941, nascido e registrado nesta Comarca, conforme certidão de nascimento e assinatura de duas testemunhas, orgulhoso de cá ter nascido e por vinte anos morado; um poeta de vinte e dois anos e um livro publicado; por muitos desconhecido mas por muitos estimado; um poeta que nasceu na nudez de tuas ruas, agora calçadas; que jogou bolinha de gude, futebol, pedra nas vidraças: um poeta que um dia fez as malas e mudou-se; vem, aproveitando da data, trazer este simples canto, mais saudade que poesia, onde a tristeza e a alegria se fundem e se consolam.

— II —

Um pouco de tua história:
José e Tomé Ferreira
vieram lá das Gerais.
Meu avô veio da Itália.
Eu vim de ti.

(É minha história também)

— III —

Como o tempo passa...
Ainda ontem
vinha gente das fazendas,
amarrava os cavalos
nos postes, perto da Igreja,
e ia reza na missa.
Eu que era coroinha
mais por prazer que por fé
ajudava o Santo Ofício

(três missas cada domingo).
Depois que o padre saia,
depois que o povo saia,
bebíamos, inocentes,
todo vinho que sobrava.
Nossa Senhora sorria
da ingênua profanação.
Seu olhar nos compreendia.
Seu sorrir nos perdoava.
Como o tempo passa...

— IV —

O tempo passa e passou.
Quando tive de ir embora
deixei aqui minha infância.
Porém calçaram as ruas
(minha infância se perdeu);
trocaram a luz dos postes
(minha infância se perdeu);
depois, pintaram a Igreja;
(minha infância se apagou).

— V —

Hoje, quando completas cento e trinta e um anos eu volto.
A minha infância, meus mortos, os parentes ainda vivos, é o que
me resta em ti.

Por isso, trago estes versos
mais saudade que poesia
onde a tristeza e a alegria
se fundem e se consolam.

Principalmente se consolam.

* * *

CATÁLOGO TURÍSTICO POÉTICO DA PROVÍNCIA

— I —

Jardim Velho

Atrás de cada figueira, um fantasma
esperando a noite.
No outro dia, estórias
de homens que se perderam
e chegaram tarde em casa.
Esposas ouvem caladas
a explicação dos maridos
e vão dormir sossegadas
traídas por uma lenda.

— II —

Igreja

Embaixo da torre a nave
e sob a nave, ajoelhados,
vão os homens de negócios
todos juntos, irmanados,
receber os sacramentos
se livrar de seus pecados
e depois do Santo Ofício
no bar, ao lado da Igreja,
dissolvem a hóstia em pinga
sem que seu vigário veja.
Um fala alto, outro xinga,
o mais valente esbraveja
na língua pura do povo
e prá mostrar que são homens
começam a pecar de novo.

Coreto

Veio o domingo e a banda
às sete e meia da noite
atacou forte um dobrado
e a moça na varanda
do velho-antigo sobrado
viu os pares que passavam
apaixonados. Sentiu
tamanha inveja que a hora
passou depressa. Nem viu
que a banda foi embora.
Com o coreto vazio
ficou tão só na janela
sem amor, sem namorado...
Todas casaram; só ela
é que havia sobrado.

Cemitério

Atrás dos bambus, os muros.
atrás dos muros os mortos
lembrando o dia em que a Santa
foi trazida prá cidade.
Há procissão na cidade
procissão no cemitério.
(só que a procissão dos mortos
leva a Santa de verdade).

São Benedito

Os rojões erguem os mastros
e acendem a fogueira.
É dia de festa em São Benedito
e são benditos aqueles que sambam.

Os pretos batucam e bebem cachaça:
—”Corrida de pato, corrida de lebre
cadê essa pinga que nós num bebe?”
Então há uma hora em que a cor não conta
e unidos na mesma fé e cachaça
brancos e pretos pulam e cantam
enquanto o Santo dorme satisfeito
vendo os homens felizes e irmanados.

— VI —

Salto do Pântano

Rio, que louco és, que valente
saltando assim de tão alto.
Eu sei que é na tua queda
que está a tua grandeza.
Mas os homens que morreram
e os que vivem, não sabem
a tua filosofia,
porisso quedam calados.
Mas tu na queda não quedas,
antes ruges, esbravejas, espumas
e mais que tudo isso lutas
com tanta força que as águas
suam orvalho. É vitória.
Teu prêmio? O arco-íris.

— VII —

Ribeirão Bonito

As águas eram tão limpas e havia muito peixe.
Por isso ficávamos horas inteiras
nas tuas margens.
Mas a vida rola como as tuas águas
e como as águas temos nossos destinos.
Com eles nos vamos e nas tuas margens
o que deixar de nós senão saudades?
Deixamos tanta em tuas margens
que as águas se turvaram.

Três horas da tarde.
De janelinha aberta
O morro espia a cidade
espantado.
Quanto tempo, meu Deus, já se passou
desde Tomé Ferreira.

Esta janela que olha
sabe contar uma história
mas não conta.
Só olha
o trem que chega bufando
só olha
os que entram na matriz
pela porta fronteiraça
só olha...
isso não olha, é feio,
inda mais feito no mato.

É tarde. O sol se esconde
E não se enxerga mais nada.
O morro velho, cansado,
Fecha a janela, cochila.

De janelinha fechada
a cidade dorme.

Represa Rosália

De teus brejos vinha o canto da saparia.
por isso a noite era sonora
e nostálgica.
De tuas nascentes vinha a água cristalina.
Por isso a cidade era limpa
e acolhedora.
De tua lembrança vem uma vontade
de ser menino.

Por isso agora sou poeta
e triste.

* * *

INFANTOPATIA CRÔNICA

O homem sempre busca consolo na infância. Se tem raízes sólidas, alimenta o espírito com seiva que escorre de suas lembranças. Sorve, a cada dia, recordações da casa, da rua, dos amigos. Uma força misteriosa obriga-o a depositar ali suas sementes, única seara de húmus fértil, único oásis de nosso próprio deserto.

Mas acordamos toda manhã para uma nova realidade. A nova realidade apaga o sonho. A nova realidade fecha o cinema e proíbe as cadeiras nas calçadas, nas mornas tardes de domingo. Os mais velhos, aborrecidos, aos poucos vão se mudando lá para cima. Cada vez mais sentimos que a verdadeira realidade é a que se apaga a cada instante. Fecho os olhos. De olhos fechados, como o cinema, passo para mim o meu próprio filme. Tiro os sapatos. Pés no chão, infância pura. Em minha superprodução sou herói e vilão, mocinho e bandido, homem e super-homem. Ando a cavalo nas ruas de pedregulho ao lado da matriz. Persigo rolinhas com o meu estilingue. Pesco no Ribeirão Bonito, hoje feio e arenoso. De manhã, vou para o Grupo Escolar. Existe paz em tempo de guerra. Na festa da Padroeira sou coroinha e a procissão anda na rua arrastando povo. Vou crescendo. Descubro meninas no clube e penso coisas que ainda não ousa. Entro no ginásio. A vida é toda uma só. Cabulo a aula. Uma noite houve festa no jardim velho. Arrisco sair com uma menina e vamos atrás do ginásio. Minhas pernas tremem e eu não falo nada. Ela sorri com a mão na boca. Vou me acertando com os meus erros. A melhor cena do filme é a procissão do Divino. Colorida. Close no Imperador. Poderia ser eu. Tomada geral da Corte. CORTE. Eu mesmo me dirigindo. Mas isto é apenas um *trailer*. O filme verdadeiro é longo como minha rua. A tela da memória é pequena para uma projeção tão grande. Muitos atores já trocaram de papel. O retratista, hoje, é um fotógrafo. O boticário um

farmacêutico. Os filhos são pais. O grupo escolar é outro. Reformado. O ginásio vestiu muros e mudou de nome. A cidade mesmo é outra. Provinciana com ares de cosmopolita. Prostituída? Quem sabe. Talvez o homem solitário, de olhar perdido no horizonte, olhando a janelinha do morro. A esperança é que ela se abra para minha infância. Pelo menos hoje, no dia de seu aniversário.

* * *

C

A

N

T

O

D

O

S

H

E

R

BENZIMENTO

A faca na mão
a reza na boca
o gesto no braço
em cruz sobre a testa.
Na ponta punhal
eu furo olho-gordo
no gume do aço
eu corto inveja
no cabo de osso
dou cabo ao quebranto.

A reza inaudível
sai sopro-assovio:
— um sopro divino?
A lâmina fina
brilha como um raio:
— um raio divino?
“Jesus te proteja”.
Isso eu entendia.

— Seu bocejo era quebranto
sua preguiça olho-gordo
o seu atraso, inveja.
De tudo já está curado
em nome de Jesus Cristo.
Dinheiro eu não aceito
que ele tira a minha força
e o brilho de meu punhal.
Aceito um copo de vinho
Um vermute, um cinzaninho
que isso não é pagamento.

Ou então um “Deus lhe pague”
dito com sinceridade.

A pa dessa santidade
o lado do homem homem
nos intervalo de rezas
tinha lá suas malícias:
“tanta mandioca madura
tanta falta de farinha
tanta menina bonita
e a minha espada sem bainha”.
E ria, curvando o corpo
o braço direito atrás
numa mesura cabocla
simples, de fazer inveja.

Misteriosa dualidade
convivia em harmonia
naquela simples figura
com uma alma e uma arma.
Quando homem, um destino.
Quando santo, um punhal.

Levou consigo a faca
e a força de sua reza.
Ficamos com nossa inveja
quebranto e mau-olhado
sem o santo protetor.
Contam que benze anjos
de asa caída e santos
aborrecidos do céu.
Aceita em pagamento
Lacrima-Christi, orvalho,
néctar e outro que tais.
Talvez se lembre da gente
em noites de tempestade
no brilho de sua faca
cortando nuvens no céu.

Se lembra? Talvez se lembre
de nós ainda crianças.
Não grandes, desamparados,

carentes de sua reza.
Se lembra sim, todo o dia
de cada um que padece
de mal de amor, de inveja,
de traição, de quebranto,
perseguição, olho-gordo.
Se lembra, e se lembra tanto
quanto nós que o lembramos.

E todos nós que vagamos
perdidos por este atalho
da vida, todos pedimos
sua bênção, Pedro Barbalho.

CLEMENTE E O BURRO SOSSEGO

Com sol, com frio, com chuva,
não importava.
Todas as manhãs bem cedo
puxando um burro magro
que a carga não suportava
lá vinha o preto Clemente
já com rugas, já sem dentes,
vender um pouco de alface
de mandioca ou rapadura
que conseguia no sítio
onde estava empregado
(ah, Deus, que vida tão dura
quantas rugas já na face).

O burro magro arfava
como se estivesse atado ao mundo.

Os ossos saltavam das costas
das ancas, de todos os lados, de tal forma que o varal
da carroça parecia
dois ossos acrescentados
ao esqueleto ambulante
que Clemente, por apego,
que tinha à besta pacata,

deu o nome de Sossego.

Trabalhavam tanto juntos
que do burro a humildade
Clemente já transpirava;
compreendiam-se tanto
que de Clemente a cidade
no burro já percebia
alguma coisa de Santo.
O homem e o animal
suportavam dia a dia
toda a carga, pouca ou muita,
que na carroça havia.
Levava num braço a cesta
e a outra mão no varal
forçava ajudando a besta.

— Olha o alface, a rapadura,
a mandioca mais gostosa,
olha a banana madura.

— Seu Clemente, a vizinha
disse que sua mandioca
é dura, que não cozinha.

— Minha senhora é o fogo
dela que é fraco, carece
cozinhar bem; eu lhe rogo,
leve a mandioca. De sorte
cozida como merece
se o seu fogo for forte
minha mandioca amolece.

E longe estava a malícia
do preto nesta resposta
(o que fazia a delícia
da vida que a gente gosta
de lembrar, vida sadia
do ar puro da cidade).

Mas Sossego puxou tanto a carroça
da roça pra cidade e da cidade pra roça
que ficou velho, doente,
com um andar meio torto.

Que tristeza do Clemente
quando um dia achou-o morto.

Manhã sem sol. As velhas iam lentamente para a Igreja com véus pretos na cabeça, rezar pela alma defunta dos maridos que acreditavam estar em algum lugar.

As solteiras também iam lentamente com véus brancos na cabeça rezar pelas almas dos noivos, que acreditavam estar em algum lugar.

Na leiteria ao lado da Igreja, uma pequena fila já se insinuava: homens, mulheres e crianças aguardavam com vasilhas nas mãos, a chegada do leite fresco. A cidade acordava depressa, e a rotina se precipitava monótona como sempre e só não foi tão igual, porque Clemente se atrasou. O encontro do animal morto tomou conta de tudo. Sentiu uma sensação de mal-estar que há muito desconhecia. A mesma sensação que experimentou quando fizeram mal à sua filha mais nova. Só que agora era diferente. Não tinha sabor de vingança.

Viu os urubus rondando a carcaça: quase compreendeu a necessidade da morte para outras vidas. Viu as crianças rondando a casa: quase compreendeu que todos os dias morria um pouco para que elas sobrevivessem. Misturou as crianças com os urubus. Sentiu os bicos famintos arrancando suas tripas. Arrepiou. Restava um cavalo solto no pasto. Atrou-o à carroça e partiu para a cidade.

— “Olha o alface, a rapadura,
a mandioca mais gostosa,
olha a banana madura, garapa, a mais saborosa”.

A voz saía difícil.

Não era o mesmo pregão
que animava as senhoras à compra
e punha lombriga nos olhos da molecada.

Quase gritou:

— “Olha a tristeza do homem,
fechem portas e janelas.
Homens: deixem seu emprego.
Crianças: morreu Sossego”.

Um homem forte não chora.
(a mão passa disfarçada nos olhos
a calça rota enxuga).

Na saída da escola
As crianças rodearam a carroça
num barulho infernal:
 olhos abertos adivinhando
a rapadura a rapadura gostosa.
Lembrou-se dos urubus
rodeando o Sossego:
olhos de rapina adivinhando
a tripa comprida, viscosa.
Sentiu náuseas, mal-estar.
Uma delas notando
outro animal na carroça
já foi logo perguntando:
— Clemente, cadê Sossego?
Sentiu a voz embargada
novamente aquele aperto
aquela dor diferente.
Pensou: criança não entende
tristeza de um burro morto
criança quer alegria.
E por ser bastante humano
disse um verso que seria
resumo um tanto pobre
de sua filosofia:
— “Sossego morreu
e os urubu comeu” —
mal sabendo que fazendo
verso tão simples, doído,
estava perpetuando
a memória de Sossego
entre toda a criançada,
entre os adultos, a cidade,
pois cada vez que chegava
nas ruas onde passava
ouvia esta pergunta
na boca de todo o povo:
— “Clemente, cadê Sossego?”
Já chegava a sorrir
com superior ironia
do povo. Como são pobres
de espírito. Quem diria
que há entre eles nobres

(pelo menos assim se julgam
aqueles que as leis promulgam);
que há entre eles gênios
(pelo menos no conceito
do vereador, do prefeito);
que há entre eles todos,
independente da cor,
credo, profissão, amor,
uma vontade insistente
de ouvir a voz de Clemente
dizer: "Sossego morreu
e os urubu comeu".

Mas há que saber Clemente,
que entre a molecada
houve um que de repente
mal a infância acabada
deixou a cidade quieta
indo pra outra agitada
e na bagagem de poeta
trouxe uma alma madura
e o gosto da rapadura
que adoçava a boca
daquela moçada louca.
Trouxe como não podia
deixar de acontecer
aquela filosofia
tão simples, que resumia
a morte, pesada cruz,
morte que dentro trazia
vida para os urubus.

E, de lembrar, me aposso
dos seus versos, e perdoe
o plágio, porque não posso
dizer o quanto me foi
difícil de ter de aceitar,
como você aceitou,
"que o meu sossego morreu
cidade grande comeu".

MÁRIO CABEÇADA

Quando começou a funcionar a linha de ônibus diretamente de Descalvado a São Paulo, era comum, de início, juntar um punhado de gente no ponto, para esperar a chegada. Principalmente à noite, lá pelas dez horas, o grupo começava a aumentar, não tanto pela curiosidade, mas para fazer alguma coisa que não fosse deitar-se cedo, como era de costume. E na mistura de homens e rapazes permaneciam alguns meninos escapados à vigilância paterna, metidos entre os adultos, ouvindo prosas e anedotas que sempre antecederiam a chegada. Como eu morava quase em frente ao ponto de ônibus, difícil era a noite em que me furtava a essa sagrada obrigação uma vez que, após a descida dos passageiros, era-nos permitido adentrar o veículo e sentar gostosamente nas poltronas reclináveis, experimentando uma satisfação criança de viagens impossíveis. Depois o ônibus ia para a garagem e o grupo se desfazia em comentários inúteis.

Uma noite, porém, a coisa foi outra. O grupo já estava reunido e o ônibus estava para chegar, quando um movimento diferente estourou em frente à cadeia com a chegada de um caminhão trazendo dois guardas e um preso. Considerando-se o lugar comum do cotidiano, quebrado tão somente pela chegada do ônibus, que já se tornara monótona pelo hábito, o vai-e-vem repentino soube-nos a diferentes emoções que já se adivinhavam pelos palavrões do preso e os gritos dos soldados. O grupo abalou-se para a cadeia. As janelas das casas mais próximas já se abriam numa curiosidade coletiva de pijamas e camisolas.

Naquela tarde, um dos caminhões que recolhiam o leite pelas fazendas dera no caminho com o Mário Cabeçada, um preto que valeu-se do apelido por ter a cabeça dura que só pauperoba e, por isso, nas ocasiões que se faziam necessárias, resolvia o problema usando a cabeça. Pediu uma beirada para o chofer tendo, ante a recusa, metido a cabeça na porta do veículo, enfiando a lataria para dentro. Levado o caso ao conhecimento da polícia, saíram os guardas no mesmo caminhão à procura do famigerado testa-de-ferro, encontrando-o, depois de muita busca, num trecho do caminho.

Vencidas as dificuldades iniciais da prisão, trouxeram-no até à cidade onde, percebendo que ia entrar em cana, começou a fazer um fuzuê dos diabos com nomes, com gritos, com marradas, que faziam rir a assistência, esquecida já do sagrado

dever de esperar o ônibus, atenta a todos os movimentos. Amanhã havia que se comentar o caso e seria necessário a cada um dizer “eu vi”.

O sargento, homem de metro e oitenta, ou noventa, saiu da cadeia já nervoso, e entre berros e tapas abraçou o negro pela garganta em uma bem aplicada gravata, levando-o, ajudado por dois soldados, de arrasto para a cela. Aí é que a coisa engrossou. Livre dentro da cela, o pretão aplicou a sinagoga na pia, que arrebentou. Apanhou os cacos e começou a atirar pelas grades conta quem se aventurasse a se aproximar. O delegado, levantado às pressas e alheio à realidade da coisa, foi entrando pela cadeia até que um caco da pia passou assoviando pela sua orelha indo se arrebentar na parede. Então, saiu mais rápido que entrou. Nova cabeçada e o vaso da privada se foi, renovando o estoque de munição do negrão. Por fim foram os vidros da janela. Quando não havia mais nada para arrebentar, o que arrebentou foi uma idéia na cabeça do sargento. Entrou numa cela vazia, apanhou um colchão de solteiro e, com ele à frente à maneira de escudo, foi até a porta da cela aparando os cacos até que, com a porta aberta, entrou rapidamente e agarrou-se ao preso. Daí prá frente, tudo tornou-se mais fácil. Como tinha boa cabeça, o Mário já adivinhava o que lhe era reservado e maneirou. Colocaram-lhe uma camisa de força entre violentas borrachadas e lá se foi ele, moído, posto a dormir atado em outra cela. O delegado, que até então permanecera orientando de longe os movimentos, rompeu cadeia adentro elogiando a ação do sargento, enquanto dois guardas nos convidavam a desfazer o aglomerado. Debandado o grupo e fechadas as janelas vizinhas, a paz reinou.

E o herói denunciado
por danos, por desacato,
depredação e outros fatos,
entre ofícios e despachos,
vista e conclusão,
foi condenado à prisão;
e por ser perigoso
haveria de cumprir
medida de segurança
para a paz da sociedade,
não só de nossa cidade,
mas de cidades vizinhas
cidades outras, não minhas,

mas que não têm um herói
como esse dessa noitada,
de nome Mário Camargo,
vulgo “Mário Cabeçada”.

* * *

CAIUBY (com ípsilon)

Eu nasci dentro de um bar. Fui criado dentro de um bar. No entra-e-sai de todo o dia fiquei impregnado de raízes. O homem da roça que vinha nos fins de semana plantou em mim a humildade. No copo do boêmio solitário bebi esta angústia que até hoje me embriaga e me deixa essa ressaca danada da vida. Com os caixeiros-viajantes aprendi o lado cínico: sorrir sempre, por profissão. Ainda pequeno, subia num canto do balcão para admirar espantado os andarilhos, que de tempos em tempos apareciam para ensinar o verdadeiro sentido da liberdade. Mas havia o outro lado. O mais forte: a família, a escola, a sociedade, tão certas e bem organizadas para me moldar a seu modo, com uma fina capa de cristal polido.

Hoje, como uma estufa, trago dentro desta casca frágil e transparente toda a variedade de raízes plantadas na infância, que crescem e incomodam. Então, qual jardineiro que cultiva suas flores, cultivo meus heróis e meus poemas. Daí o Mário Cabeçada, o preto Clemente e hoje, o Caiuby. Este demorou a frutificar em mim. Talvez porque não o tenha conhecido muito bem na remota infância. Inexplicavelmente, sua imagem surgiu, nebulosa as dez da noite. Aparecia no bar raramente, uma ou duas vezes por ano, bastante sujo e faminto, as mãos trêmulas implorando um gole urgente. Após a primeira cachaça, o tremor dava lugar ao literato. Discutia Jorge Amado, pouco conhecido por nós naquela época, elogiava Euclides, criticava o modernismo de Drummond (se bem que o considerasse um grande poeta). Cheio de respeito, começava a recitar Castro Alves e se perdia. Era a necessidade urgente de tomar mais uma, para surgir o jornalista, batalhador incansável, defensor dos oprimidos. Tinha chegado agora de São Paulo, demissionário do Estadão após violenta discussão com Júlio de Mesquita (filho) por divergência de opiniões. Eu arregalava os olhos e não

entendia nada. A esta altura, já havia gente suficiente em volta para ouvir e pagar mais uma. Então, bem calibrado, nascia o político loquaz, que falava muito e não dizia nada. E pau no governo. De repente, a raiva de ser criança. Meu pai me mandava dormir e eu ficava sem saber o que o Caiuby discutira secretamente, na semana passada, com o Presidente da República.

Na manhã seguinte à sua chegada, já tinha emprego garantido. Sóbrio era um bom tipógrafo, e o pessoal do jornal “O Comércio”, por humanidade e respeito à classe, abria-lhe suas portas. Durante uma ou duas semanas dava expediente de dia na gráfica e à noite no bar, onde já era esperado após as cinco. Até o dia em que não aparecia. Nem no jornal, nem no bar. Sem despedidas, sem agradecimentos, sem eu entender porque. Mas marcava. Tanto marcava que eu ficava ansioso por sua volta. Talvez por isso hoje ele tenha surgido às dez da noite, quase no meu sono, e por pouco eu não gritei como fazia:

— “Pai, seu Caubi chegou”.

— “Caubi não, menino. Caiuby. Com ípsilon”.

* * *

ENTRE O SONHO E A REALIDADE

Humilde, meia estatura, pele rustida de sol e luta. O sorriso não; a gargalhada. Ironia? Escárnio? Loucura? Desprezo. De si próprio, dos outros, da vida.

Um cavalo e uma sanfona velha, a lucidez e a loucura na hora certa. Tudo isso resumido, condensado, traduzido: Roquinho.

Vagabundo? Assim o chamaram certa tarde, da janela do clube onde jogavam baralho. A resposta veio pronta e incontestável: “Vê se meu nome está na lista de sócios”.

Louco? Bastava ouvi-lo tocar sanfona nos bailes de arrastapés para se convencer do contrário.

Quem então? Apenas um homem marginalizado em seu próprio meio, por pensar e agir de acordo com sua vontade. Indiferente às convenções, alheio ao poder material, irreverente à sociedade, o que quer dizer: livre. Aí o segredo de sua popularidade. Existem em cada um de nós momentos em que, por conveniência, fazemos concessões, mostramos um sorriso falso, vendemos a liberdade em troca de uma posição, de

dinheiro, de um nome. A vida é um jogo, todos sabemos. O roquinho não era viciado. Então era vagabundo. Então era louco. Causava inveja, isto sabíamos cada um de nós. Mas como admitir se a maioria vence? Vencemos realmente? Nossos sonhos caminham junto com a realidade? Temos a certeza de que não. Há entre eles uma paralela infinita, uma quinta dimensão inacessível da metafísica. Lá, viveu Roquinho. Entre o sonho e a realidade. Lá onde a lucidez e a loucura são sinônimos. Lá, onde a gargalhada é sorriso. Lá, onde não é preciso vender a alma para o diabo da vida. Lá, onde o céu e o inferno trocam cortesias. Lá, onde não cabemos nós, os loucos verdadeiros.

* * *

TARDE NO METRÔ

Depois da chuva, o sol voltou róseo-alaranjado. Mas a vida continuou negra para todos, principalmente no metrô, onde cercaram a praça como se fosse guerra, e vieram homens fardados de terra com capacetes coloridos, armados de bombas mecânicas que faziam buraco sem explodir. O mundo subterrâneo do futuro começava a nascer de mãos desconhecidas, que não assinavam contratos e nem freqüentavam banquetes, mas faziam a verba oficial modelar-se em concreto. Estranho exército este dos operários, a torcer os ferros com as mãos, quais super-homens desnutridos de capacete vermelho e esperança branca. Quem traçou teu destino suado na calma de uma sala refrigerada? A lama gruda em tuas botas e és feliz em poder limpá-las. Entretanto, os que te pisam morrerão com os pés sujos. A poeira incomoda as narinas bem nascidas. Porém, trabalhas a terra com carinho e ela carinhosamente te receberá. Na linguagem simples da obra tu é “você” ou “vóis”, indiferentes às razões de “Vossas Senhorias ou Excelências”. O cisco metálico no olho de teu irmão é mais importante que o desvio de verbas. No entanto, os jornais se calam para ambos, enquanto nós, indiferentes, reclamamos do barulho, da sujeira, do trânsito parado para os nossos carros. No fim do dia, segues a pé para a fila da condução, sentindo vontade de o outro dia amanhecer para continuar, na esperança de que teus filhos um dia andem melhor. Por isso agora, aqui de minha janela, te saúdo, nesta tarde chuvosa róseo-alaranjada. E meu encantamento pelo seu trabalho é tanto, que sinto duas gotas de

chuva a embaraçar meus olhos, desfocando a imagem que me vem da rua. Não. Não foi o metro que eu vi. Foi o circo. O mágico, não o operário, soltando fogo pelas mãos. O domador de escavadeira, um bicho enorme que engole terra. O equilibrista de andaimes. O faquir que vive sem comer. O malabarista que faz o máximo com um salário mínimo. E, em volta do picadeiro a platéia, atônita como eu, olha o enorme buraco que é a sua vida.

C

A

N

T

O

D

O

P

O

E

T

A

DOIS POEMAS DA VIDA

Primeiro

— I —

O que eu sinto
já nem sei.
Meu desespero é grande demais
para minha poesia.
Todas as explicações buscadas
conduzem a uma verdade:
a vida é inexplicável.

O caminho é um só
mas os homens não compreendem
e lutam.
(Amanhã,
talvez amanheça azul).

Muitos têm fé e rezam
inutilmente:
a paz só é dada aos mortos.

O relógio marca seguro
a fuga do tempo
e os dias arrancados do calendário
se perdem.
Nós, porém, continuamos.

Na parede branca do quarto
as manchas atestam um tempo
que não conhecemos

embora o tenhamos vivido.

— II —

A luta pela vida é intensa.
Há milhões de coisas a serem feitas.
O Presidente da República
fala em reformas de base. O povo pede comida. Já não
existe piedade.
Numa cidade repleta
de prostitutas e crimes
respira-se um ar terrível
mistura de pó e pecado
e a alma se enegrece.

— III —

O poeta, inconsolável
ante a visão de tal mundo,
em vão procura uma sombra.
Já não existem árvores.

Segundo

Eu sei que procuro
o impossível
mas é por procurar o impossível
que nada encontro
e por nada encontrar
que nada tenho.

Este papel —
de que me vale este papel?
Melhor seria fazer dele um barco,
colocar nele meus melhores sonhos,
não um poema.
Um barco e uma enxurrada,
as viagens que eu fiz,
o mundo que não conquistei.

Oh, dêem-me um barco de papel;
um barco de papel e uma enxurrada.

Preciso ser menino novamente.

As soluções
eram mais simples.

* * *

KATSCH-KALK

— I —

O estômago do poeta já não aceitava tudo.
Se a alma ruminava sonhos
e não os realizava
o estômago ruminava alimentos
e não os digerira.

Desde que o sofrimento era tolo
(não inspirava poesia)
havia de dar um jeito
procurando o doutor.
Consulta com hora marcada
com enfermeiras amáveis
e o médico sorridente.
— O que é que o senhor sente?
— O estômago, doutor.
— Dói aqui? Dói ali?
— O que come? O que não come?
— O senhor mastiga bem?
(Falava e anotava)
— Não pode comer depressa.
— Mas doutor, é esta vida.
O ônibus não espera,
o emprego não espera,
a namorada não espera.
A vida, doutor. A vida não espera.
(Novas anotações).
— Precisamos de uns exames.
Pensou, olhou, sentenciou:
— Parasitológico,
cultura de fezes,

Katsch-kalk.
O poeta tremeu:
— Mas é só estômago!

— II —

Decidido a ficar bom
o poeta jejuou
como mandava a receita.
As sete e trinta o hospital
tinha um cheiro esquisito
mistura de vida-morte
de paciência-esperança
de desespero, nem sei.
Passavam médicos sorrindo
promessas de cura.
— Eu vou lhe introduzir esta sonda.
Não mexa a língua. Engula devagar.
E todos os pecados,
redimidos em três horas
com a sonda no nariz,
no esôfago, estômago,
e o suco gástrico saindo
para o tubo de ensaio.
Depois, purgante à vontade
e na avalanche de fezes
o sofrimento do poeta
revelado na análise.

— Vai ter de fazer regime.
Vai ter de tomar remédio.
Já não pode mais beber.

— III —

Ó alegres enfermeiras
que meus males conheceis
preciso curar a alma
preciso tratar da vida.

Podem sondar minha alma
e purgar os meus pecados.

Analisem meus poemas
examinem a consciência.
Eu faço jejum de amor
eu deixo de ser poeta
faço até penitência.
O estômago, compreendam,
é o que menos interessa.
Ó deixem de lado as fezes,
o katsch-kalk, o regime.
Minha doença é bem outra
que simples dor de barriga
que um dia a terra come
sem sofrer indigestão.
Receitem-me qualquer coisa
mas que seja para a alma
mas que seja para a vida.

Posso deixar de amar
deixo de fazer poesia
rezarei, se necessário.
O que eu não quero e nem posso
é continuar assim.
Preciso curar a alma
preciso tratar da vida.

* * *

LUNÁTICO

Homem não mais que homem
de terra e barro
meu rosto é pó e somem
as minhas rugas no sarro
de meu cachimbo
e vejo o mundo, inferno e limbo,
pela fumaça de meu foguete
como astronauta, não mais brinquete
da sociedade que me consome.
De barro e pó, no pó da lua,
deixei meu nome
lembrança tua.
Marcas de fome

vieram nas botas.
Não sei meu nome.
Homem não mais
de barro e pó
e o meu rosto nos jornais.
Sou um, sou mil
e estou só
incomunicável
impermeável
para a tranqüilidade
da sociedade.

* * *

“POST- MORTEM” DE FINAL FELIZ

Tendo a viúva morrido
muito depois do marido
decidiram os parentes
e os amantes descontentes
fazer o que era normal:
por a morta no local
onde há tempos já fazia
que o seu marido dormia.
Mas decidiram primeiro
ir avisar o coveiro
para que abrisse a cova
e contasse a boa nova
ao extinto que, tranqüilo,
jamais pensava naquilo.
E o coveiro incumbido
pegou a pá decidido
a dar cabo da cabo da missão
e toca cavar o chão.
E a pá, nos seus braços calmos,
removeram sete palmos
da terra daquele chão
até que surgiu o caixão
já sem forma, arrebetado,
visto ter sido enterrado
há muito tempo atrás.
Na cova tudo era paz

mas uma paz tão sadia
que o esqueleto sorria.
A custo abriu a carneira
que tapava a caveira
e quando tudo clareou
uma voz rouca berrou:
— Que queres, homem do inferno,
perturbar meu sono eterno?
Disse o coveiro: — Eu venho
profanar o vosso lenho
mas com boa intenção
eis que sua solidão
vai agora ser quebrada
(não sei se isto lhe agrada)
mas eu cumpro o meu mister:
vem aí sua mulher.
— Meu Deus, que falta de sorte.
Ó coveiro, és de morte.
Então isto é novidade
para um defunto de idade?
Não fosse eu tão robusto
E morreria de susto.
Mas se é isto que me espera
que venha lá a megera
E unidos os defuntos
na cidade dos pés juntos
breve silêncio se fez.
Terá durado um mês
porque um mês, não se espante,
na eternidade é um instante,
até que, aborrecida
do silêncio, decidida
falou a mulher assim:
— Meu caro, agora que vim
para a sua companhia
para nós melhor seria
revivermos novamente
a paixão de antigamente.
Que a nossa felicidade
dure toda a eternidade.
— Antes de tudo, mulher,
gostaria de saber

como foi a sua vida
após minha despedida.
— Foi tão difícil, querido,
e, creia-me, não duvido
teria sido bastante
terrível, se um amante
eu logo não conseguisse.
— O que? Repita o que disse.
Um amante? Que transtorno.
Além de defunto, corno.
— Mas creia, tinha de ser,
como ia eu viver?
De brisa? Que esperança;
se ao menos tivesse herança...
— É certo, não deixei nada
mas ter a honra manchada...
— Pensasse eu no seu nome
e morreria de fome.
— Pelo menos me conforta
saber que depois de morta
retorna a mim novamente
pois era precisamente
o castigo que faltava:
saber que a mulher que amava
e que eu pensava me amar
tão logo viu me enterrar
transformou sua conduta
vivendo como uma puta
e como melhor conzinha:
dando mais que uma galinha.
— Olha, não me julgue mal.
Você conhece afinal
alguma viúva jovem
que possa viver sem homem?
Por mais que no amor se pense
a carne é mais forte e vence.
Não fui jamais prostituta
e se acha minha conduta
errada, não o critico
mas muito grata lhe fico
se for perdoada agora
que já não estou mais lá fora.

Por outro lado, se estamos
novamente unidos, vamos
viver a morte em paz
o que seria, aliás,
a coisa mais acertada
já que a carne violada
do meu corpo se liberta.
Tão logo, tudo se acerta.
E se tudo a morte cura
Serei novamente pura.
— Pois bem, mulher, se o erro
foi após o meu enterro,
sua desculpa aceito.
O que está feito está feito,
não vou prolongar o caso.
E quando o sol no ocaso
cobriu o céu de matizes
abraçaram-se felizes
e unidos frente a frente
amaram-se eternamente.

* * *

SÚPLICA

Perdoa-me
se não te soube dar
o carinho que necessitavas.
Perdoa-me
se as palavras de amor que eu tinha
morreram no meu peito.
Perdoa-me
se meus lábios eram frios
quando os teus ardiam.
Perdoa-me, sobretudo,
se te deixei desejos insatisfeitos.

Deus deu-me alma de poeta
mas me negou amor.

VeZ:
sou triste,

angustiado,
sozinho.
Imaginei momentos mais puros,
imaginei carinhos mais ternos,
imaginei teu grito último de virgem
nos meus braços.

Perdoa-me porém
se só soube imaginar.
Se eu não fui sincero,
se te abandonei,
se te esqueci
perdoa-me
ó, por favor,
perdoa-me.
Perdoa-me que não sou culpado.

Deus deu-me alma de poeta
mas me negou amor.

* * *

POEMA AO DONO DA ADEGA

Quisera estar com os homens na adega
bebendo.
Como eles riem...
Quem os vê assim tão alegres
como eu estou vendo
inveja.
Um é pedreiro, o outro carregador.
Talvez até haja um poeta entre eles
e eu não saiba.
Todas as tardes eles se reúnem.
Bebem, jogam palitos
e riem, como eles riem...
Da sacada eu os olho e bendigo
o dono da adega
que lhes vende felicidade
todos os dias.

Bendito sois vós, dono da adega,

bendita vossa paciência,
bendita vossa adega.

Se soubésseis como vos observo
todos os dias;
se soubésseis como necessito
de vós, da alegria
que tirais, místicos que sois,
das garrafas;
se soubésseis que nada me consola,
nem a bebida
(os poetas são diferentes
dos homens),
viríeis, sei que viríeis,
vós que tendes o poder místico
da libertação das almas
trazer-me de vossa adega
o filtro que necessito
e, livre, eu cantaria
como os outros homens cantam.
Mas então ficaríeis triste,
as mãos tintas de um sangue
com um rubor tão intenso
que nunca mais sairia
pois libertando o homem
mataríeis o poeta
crime que não tem perdão.

Não vos importeis por mim.
Continuai a alegrar os homens
todos os dias,
para poderes, quando morto,
entra no reino do céu
e receber do Senhor
a chave de vossa adega
igualzinha à da terra
onde, à tarde, todos os anjos
reunidos cantarão
como os homens agora cantam.

Compreendei, dono da adega,
que os anjos são mais tristes

que os homens
e eles precisam de vós
mais do que eu.

* * *

MEU TEMPO, MATÉRIA PODRE

Se eu um dia for velho
e não tiver senão rugas
e uns poucos cabelos brancos:
o corpo magro, curvado, já voltado para a terra;
a mão que treme, vacila,
os olhos que já não vêem
senão atrás de uma lente;
se eu um dia for velho
de uma velhice tranqüila
com a paz tão desejada
e ainda for poeta
não falarei do meu tempo.
Meu tempo lembrar não posso
é triste e aborrecido
demais para ser lembrado.
Meu tempo é matéria podre,
é tempo de mãos pedintes,
crianças esfomeadas,
irmão que mata irmão,
Deus esquecido dos homens
e de anjos revoltados.
Meu tempo! Antes poder
falar sobre outra coisa,
mas outra coisa não tenho
senão incompreensão.
Quisera poder contar
minha vida, meus amores,
a luta vã que lutei,
falar sobre a minha infância
(preciso enterrar a infância
ela me faz muito triste).

Quisera falar de Deus
de seu amor pelos homens
(um tanto inexplicável
pela maneira de amar).
Falarem boca-sorriso,
em mãos espalmadas, francas,
para um aperto amigo.
Quisera, quando bem velho,
tomar pelas mãos meu filho,
dizer: “Meu filho, eis meu mundo”,
sem que isso me doesse,
sem que isso me humilhasse.
Quisera, como eu quisera,
poder, quando estiver velho,
lembrar o tempo passado,
falar do tempo passado.
Quisera, mas eu não posso,
porque quando eu for velho
eu já estarei caduco;
não vou lembrar-me de nada,
não quero lembrar-me de nada,
não posso lembrar-me de nada.

* * *

ROSAMOR

Trago uma rosa. É todo
um uni-verso de amor
é tudo que une-verso
de amor.
Uma rosa rosada
é rosadada
(é bastante complicada)
com pétalacaulespinho
que meu amor de mansinho
encosta no coração.

Quando recebe a rosa
a rosada face transmuda —
não fala. Ela fica muda
muda a cor de sua face

em rubraurorarosada.
Ela fica deslumbrada.
O poder da rosa é tanto —
ela fica poderosa
(eu digo: não pode-Rosa
mas ela nunca me escuta —
encosta em mim suas pétalas
enrolo-me em seu caule
vou colher o seu botão.
ela me afasta. O espinho
espeta meu coração.

Trago uma rosa. É todo
um uni-verso de amor
é tudo que une-verso
de amor.

Trago uma rosa
amor.

Rosamor.

* * *

MODERNA VISÃO, OU TENTATIVA DE DA ATUAL SOCIEDADE MECÂNICO-AUTOMÁTICA.

Perdido entre homens e carros
qual criatura chegada a um planeta estranho
atravesso o viaduto e percebo
que os homens não se olham

Andam duros, apressados,
seguindo estranho comando
de um cérebro invisível.
São todos robôs ligados
à máquina do relógio.
Sua missão: trabalhar,
roubar, até esmagar
o próximo, se preciso,
para conseguir dinheiro,

o novo deus da moderna
sociedade mecânico-automática.
Penso. Sou recém-chegado
ainda posso pensar.
Lembro. De onde vim
era decerto outro mundo.
Respiro o ar viciado.
Esqueço: estou integrado.

— II —

Robô de um mundo moderno
fumo cigarros americanos
ao som de um disco importado
e autômato esqueço
que agora, em qualquer parte,
um homem vagabundo
apanha tocos de cigarros vagabundos
só faltando o som de um tango argentino
para completar sua desgraça.
Dou leite prá minha filha
do tipo A, integral,
e autômato esqueço
que agora, em qualquer parte,
a mãe dá o seio murcho
para a filha desnutrida
que chora e morre a mingua..
Esqueço que existe gente
morando embaixo da ponte
morrendo aos poucos de frio;
esqueço que existe gente
bebendo uísque escocês
do legítimo, importado.
De tanto esquecer me lembro
dos políticos, deputados,
que antes das eleições
a barriga ainda murcha
(emagreciam, talvez,
nas lides eleicoeiras)
subiam para o palanque
e lá tanto se lembravam
dos pobres infortunados

que muitos acreditavam
votavam e os elegiam.
Dá gosto vê-los agora
rindo, a barriga saltando
fora das calças, indício
de uma prosperidade
legada por esquecidos
pois esquecer é humano
resquício de divindade —
quando não fácil maneira
de fugir aos compromissos.
A Bíblia já nos ensina:
Deus esqueceu por instantes
o homem no paraíso
que, escapado à divina
proteção, desesperou-se
e cometeu o pecado
(que Deus jamais esqueceu)
e coube ao homem a culpa
que paga com eternas penas
à distração do Divino.
Então novamente esqueço
que por falsa analogia
herdada ao criador
o ladrão é o culpado
e nunca a sociedade.

O homem é produto divino
o homem é produto do meio.
E a divindade e o meio
produzem, depois esquecem.

— III —

Entre a divindade e o meio
fica o poeta no meio:
meio divino
meio meio.

A união divino-meio
faz o poeta inteiro
esquecido.

Esquecido de que há uma força
de rebeldia incontida
no espírito, incompatível

com a matéria envolvente:
a alma de um poeta
em um corpo de burguês
travando luta danada
e o saldo da luta braba:
todos os poemas mortos
no campo de concentração
do coração.

— IV —

O burguês apareceu de repente.
O salário aumentou,
constituiu-se família.
Televisão, geladeira,
apartamento bonito
e a matéria crescendo
— quilos a mais na barriga
versos a menos na alma.
Minha inspiração está virando banha.
O espírito se transforma em matéria
rapidamente.

Primeiro espécime de transição
poético-burguesa
coleciono moedas,
não mais poemas.
Por ser mais burguês esqueço.
Por ser menos poeta não lembro.

— V —

Por isso meus irmãos sofredores morrem esmagados.
Não só porque esquecemos
mas porque como mecânicos componentes
de um mundo automático
devolvemos a alma à divindade.

Já o corpo era difícil de se cuidar.
Há que deixar o espírito
aos que entendem de espírito.
A César o que é de César.
Ao criador a criatura.
Ao rico sua fortuna.
Ao pobre sua miséria.

— VI —

Perdido em mim mesmo, podre criatura
humano-poético-burguesa em luta desesperada,
de tanto esquecer me lembro
do pobre, do vagabundo,
da mãe sem leite nos seios
e choro — coisa da alma
quando não do coração —
e de chorar me entristeço
e de me entristecer me alegro.
Estranha certeza
me traz o choro. Bendigo
a lágrima que corre
e me deixa confundido.
A lágrima, certeza maior
de que nem tudo está perdido.

— VII —

E que a matéria domine tudo.

No homem, no universo,
por mais que Deus morra à mingua
de preces, de penitência,
restarão os olhos,
e nos olhos uma lágrima
que um dia,
em algum lugar,
por alguém,

c

a

i

* * *

CONFUSÃO DE COISAS

Esta cidade é louca e cresce
desesperadamente.
As ruas estão cada vez mais compridas
e os meus pés doem.
Uma cidade tão grande
e eu não tenho automóvel.
Sinto-me infeliz.
Na curva de uma esquina
um homem se arrasta no chão.
Sinto-me sórdido
por me sentir infeliz
e ando.
Iria, se preciso,
a pé para casa.

São nesses instantes que a gente compreende
que tudo na vida é necessário.
Um homem se arrasta
e nossos pés se valorizam: param de doer.
E assim outras coisas.
A fome é uma só
a carne é uma só
mas os pratos e as mulheres
são vários e, entre eles,
nossos desejos balançam indecisos.
Não haveria muito que aprender no mundo
se cada um olhasse para trás e compreendesse
as coisas como elas são.
Seria tudo tão fácil
que os homens, de mãos dadas,
iriam brincar felizes.

E aos que não tivessem pés
emprestaríamos o nosso;
os que não tivessem olhos
usariam os nossos
e aos que não tivessem amor
daríamos o nosso.

Jesus ressuscitaria novamente
de alegria, mas não diria nada,
pois suas palavras seriam desnecessárias.
Existe outro mundo tão perto
e não podemos habita-lo.
Falam-se tantos idiomas
que a mensagem se trunca
na sintaxe, no verbo.
Não há concordância.
São os homens tantos e tão difíceis
que a palavra se perde
no vazio, atrás de paredes indestrutíveis.
O barro da parede é o barro do homem
e o homem de barro está seco,
duro, inquebrável, incomunicável.
Como se não bastasse, construímos edifícios
e nos escondemos no cimento
— ermitões do asfalto amargando a derrota
frente a uma televisão vazia e vulgar.

E a vida não é nunca.
O dinheiro que falta, a vitrola que cala.
As coisas quebram e carecem de conserto.
A vida não quebra e não tem conserto.

Num mundo em que o suicídio é superado
o que fazer para morrer na moda?
Ser astronauta é tão seguro
que não dá vontade.
Ser anjo, demônio, carro
batido no poste, navio
nafragado na baía.
Ser alguma coisa que não homem.

A cada dia que passa

cabelo vai se tornando
palavra abstrata
e a cabeça despida de pelos
mostra um falso brilho
bastante para sugerir
que o menino que fui
está enterrado com os avós
e não brinca mais.

Busco palavras de consolo.
Escuto o vento. Não sopra.
Pergunto à pedra. Não fala.
Tudo é silêncio. Na rua
os carros andam sem barulho
e os bares fecharam
sem avisar.
Os poucos homens que restam
comunicam-se por mímica.
Já não existem palavras
e o relógio parou numa hora difícil.

Sem palavra, voz ou hora
fica a cama como solução.
Durma, meu filho. Não pense.

* * *

MINHA FILHA DORME. NÃO CONTEM

Minha filha que dorme com a boneca de pano
me tira o sono.
Parece que nasceu ontem
— já faz um ano.
Que durma em paz. Não contem
o que é a vida.
Ela na entenderá.
Haverá de crescer e, crescida,
saberá, creio que saberá
compreender, se for compreendida.
Para ela o mundo é a boneca de pano
inocente, macia, toda recheada
de algodão, ou algo mais humano

que as crianças vêem — nós não vemos nada.

O que nós vemos
não é a vida em si,
mas o outro lado:
o dinheiro que temos
ou que não temos
(o que eu tive e perdi).
É melhor ficar calado
e não contar nada a ela.
Digamos apenas:
a vida é bela.
Deus nos ajudará a mentir
e esta inocente mentira
acalmará Sua ira
e seremos perdoados
de nossos pecados.

Não tentem dizer-lhe nada
que ela não entenderá.

Não contem os crimes. Calada,
ela apenas olhará
pois o crime só pertence
ao criminoso e à polícia
e a polícia sempre vence
aos que matam sem malícia.
Ela não entenderá.

Tão difícil é a malícia da vida
tão sem malícia é a vida na infância
que, confundidos, só confundiremos
tentando explicar qual a maior distância:
se aquela que nos leva à morte
ou a que nos conduz ao mundo da criança.

Não convém falar agora.
O tempo chegará e, quando for chegado,
há de pegar a boneca e jogá-la fora
num primeiro ato humano, brusco, inesperado,
de desprezo ao que é puro, de revolta oculta,
de indignação, ódio, maldade, nojo.

Aí então contaremos. Já será adulta

* * *

NOITE MAIOR

O que me aborrece não é a noite
mas o que ela traz em si.
O seu silêncio, a ausência
do canto triste do brejo.

O que eu temo não é a noite.
São seus fantasmas
sua mão escura,
a morte, atrás do seu manto,
o sono.

Quanto tempo passara
até que eu durma definitivamente?
O dia não conta. A noite
é que dá lições de morrer.

Aprendemos a morrer a cada noite
e tantas são as lições
que o rosto não resiste
e enruga;
que a boca não resiste
e murcha;
que os ombros não resistem
e caem;
que o corpo não resiste
e morre.
É a noite maior
sem esperança de aurora.

O que me aborrece não é a noite

mas o que ela traz em si.

* * *

ANTI-CONCEPCIONAL-IDADE

Anfertil,
 lindiol,
 progesterona.
 A humanidade
controlada, reduzida,
 na pílula.
“Maria, tome uma pílula
e vamos rosetar”.
 A humanidade
ávida de sexo já perdeu o medo
e faz porcaria tranqüilamente.
 O céu
está aborrecido com os mundanos
 e tristes
os anjos tentam consolar a Deus
que foi novamente traído
 pela ciência.
 Paciência?
 Penitência.
A pílula amedontra o céu.
A pílula é tão eficiente
que Deus teme fracassar
no outro filho
e imagina nova maneira de redenção.
O Papa se justifica
condenando a pílula
e ela fica maior.
É tempo de fornicção
sem conseqüências.
Enquanto as mulheres abrem as pernas

as maternidades fecham as portas.

O diabo
ri gostosamente vendo
a humanidade diluir-se em gozo
e manda aumentar o inferno.

* * *

O HOMEM DO POSTO

O homem do posto Shell
bebe gasolina e queima óleo 40.
O petróleo jorra de suas entranhas
e é liso. Lubrificado
escorrega por entre os carros
auto-mecânica-mente
como convém a uma máquina.

O contato da máquina
modelou o homem:
já não tem nome.

Sua graça virou graxa
sua dor carburador,
seu sapato vira-brequim
seus olhos, faróis na noite
e a noite aceler-a-dor
e ronca o velho motor
que um dia foi coração.
Saberá, se preciso,
andar em grande velocidade
nessa grande e veloz-cidade.
Conversa com automóveis
namora uma romiseta
e dorme em uma garagem
com um forde de bigode
seu amigo e confidente.
E já não fala:
buzina
quando chega em cada esquina.

Mas tudo isso é imaginação minha...
Eu sei que ele é meu semelhante
e por baixo de toda a graxa
esconde a aspereza do homem.
Seus olhos — não faróis —
faíscam de ódio e raiva
(como os olhos do patrão
faíscam de satisfação)
junto aos carros que não teve
e que dia algum terá.
Seu coração — não motor —
bate de teimosia
não de esperança.

E não bebe gasolina
nem queima óleo 40
porque o dinheiro não dá;
e não ama e não vive
porque o dinheiro não dá;
não pede nem tem aumento
porque o patrão não dá.

Morrerá sem saber
que o petróleo não é puro.
Tem sangue, suor e lágrimas
e é negro.

— III —

Não sei o seu nome
não sabe de mim
nem do instante
em que os extremos se encontram
na poesia.

Removida a graxa
no corpo fica um brilho
que a alma inveja
e o macacão dependurado
atrás da porta anuncia a noite
que vem escorregando como óleo

negra como o petróleo
pelo quarto onde limpo descansa
o homem sujo do posto.

* * *

DOIS POEMAS DO MUNDO PARALELO

— I —

O mendigo

Quem chega de madrugada
de subúrbio à estação
vai ver a face enrugada
de um velho que estende a mão
e pede por caridade
ajuda em nome de Cristo.
Não se sabe sua idade.
Tão sujo, parece um misto
de velho e moço quem há de
dar importância a isto?
Talvez esse velho sinta
a idade que aparenta:
se está sorrindo, tem trinta;
se está sério, tem sessenta.
Um dia subindo a escada

pediu-me ajuda. Parei
e disse: não tenho nada;
mas depois eu me lembrei:
eu trago minha marmita
e a fome que me convém;
se meu irmão necessita
come comigo também.
Dividimos tudo em dois:
a alegria, a desgraça,
o meu feijão com arroz,
o seu litro de cachaça.
Então lhe falei da vida.

Admirou e achou graça,
comeu de minha comida,
bebi de sua cachaça.
Depois me disse “obrigado
Deus lhe ajude” e saiu
como havia chegado.
Prá onde foi, ninguém viu.
Fiquei sem saber seu nome
sem saber onde vivia.
Só sei que se tinha fome
não reclamava, sorria
toda ternura do mundo.
Trazia uns dentes brancos
e um olhar tão profundo
tão puro, feliz, tão franco,
que eu me senti imundo.

— II —

O andarilho

Parado ao meio da vida
com longas barbas de pó,
sem chegada, sem partida,
um homem, um homem só,
carrega às costas um saco
como uma cruz tão pesada
que às vezes se sente fraco
após longa caminhada.
Não vive nem bem nem mal.
Parece um imaginário
Papai Noel sem Natal,
novo Cristo sem Calvário.
Vive de esmolas, de restos,
virando latas de lixo
sem reclamar, sem protestos,
não mais um homem, um bicho.

Mas fala bem. Certo dia
agradecendo a comida
que eu sempre lhe oferecia
me disse — “Amigo, convida

um pobre prá tua mesa.
Um pão, um prato de sopa
é bastante, com certeza
e, se tiver, uma roupa.
A fome, o frio, o pobre,
andam juntos, de mãos dadas.
Só quem ajuda descobre
que ser bom não custa nada”.

E foi-se embora contente
carregando seu destino
no saco de indigente
que arrasta desde menino
sem lamentar sua sorte.
Sem passado, sem presente
— apenas um homem forte
que a vida não derrotou.
Tão certo, tão consciente,
tão puro, que me deixou
com vergonha de ser gente.

* * *

PASTO DE ASFALTO

Tanta tinta gasta
para pintar o amanhecer.
Daria para colorir a vida
de toda a cidade.
Entretanto, o homem
borrou o céu de cinza.
O azul é uma hipótese;
o verde, uma utopia.
A água, antes clara,
acabou virando cloro
na pia.
Na rua não pode.
Quintal não tem.
As crianças são tristes
e já não brincam.
O metrô, última palavra
em transporte coletivo,

apenas condensou os problemas
em vagões modernos.
A morte é tão comum
que a vida é um milagre,
não uma dádiva.
Os pronto-socorros estão “prontos”
e o INPS aprimora
a capacidade de organizar filas.

E eles pedem.
São crianças, mas pedem.
São sujos, mas pedem.
Têm fome e pedem.
Nós negamos ou não negamos,
mas não resolvemos.
Essa cidade é um monstro
parindo mendigos pelos bueiros.
Ratos transformados em gente
pela magia dos luminosos.

— II —

No entanto, insistimos
e vamos em frente.
Pagamos para estacionar
pagamos para andar
pagamos para viver.
No fim compramos a morte
pela tabela da SUNAB
e com um pouco de sorte
vem um desconto. Quem sabe.
Compra-se um terno a prestação
o terno acaba antes.
E como a vida é um jogo
há os que morrem sem pagar o resto
e sem terno para o enterro
deixando como herança
um título no protesto
a provar que o crediário
não é um bem, é um erro.

— III

Mas continuamos comprando.
Carne congelada
sardinha enlatada
fruta amassada
alface estragada
e como na vida nada
se perde, a barriga incha.
A solução é achada
na campanha da pechincha..

— “Por favor, senhor feirante
vindo de um país distante
será que eu não mereço
uma redução no preço
eis que eu sou brasileiro?”
— “Chegamos aqui primeiro
com nosso avô português
por isso somos feirantes
e não um simples freguês.
Quem mandou não chegar antes?”

— IV —

E pensar que somos todos irmãos,
Em Cristo, é bem verdade,
mas irmãos. (Como Caim e Abel.)
Só que mais civilizados,
apenas roubamos o próximo
como a nós mesmos.
E tanto nos iludimos
querendo vencer na vida
que acabamos perdendo
o conceito de humanidade
para nossa grande
e infeliz-cidade.

— V —

INCIDENTE PEGAJOSO

Mas a goma do chicletes
grudou em meu sapato
e foi o bastante para eu lembrar

o quanto estou preso à terra.
Preso pelos pés, é certo, mas preso.
Todas as minhas preocupações
concentradas no sapato.
Mas a vida é assim:
vai-se por uma rua cheia de gente
com a cabeça nas nuvens.
Vem uma boca despreocupada
cospe o chiclete na calçada
e nos traz de volta à terra.
Aí a gente percebe que não está sozinho
e descobre o valor da goma de mascar
não na boca, mas nos pés.

— VI —

Queria agradecer o irmão desconhecido
que ruminou a goma e distraído
cuspiu o que restou em meu caminho
pois ele, sem saber, me fez de novo
sentir-me humano no meio do povo
fazendo uma coisa engraçada:
raspando a sola do sapato na calçada.

O incidente pegajoso toma forma
e eu começo a pensar
que o gosto do homem pela goma de mascar
seja talvez a única afinidade — e foi —
que restou do parentesco entre o homem e o boi.

O homem — hoje animal pensante;
o boi — apenas simples ruminante
e entre os dois, a grande diferença:
um ruma em paz o capim na invernada
o outro ruma e cospe a sobra na calçada.
Acho engraçado como de repente
por qualquer motivo ou simples incidente
uma palavra, idéia ou vã filosofia
se juntam formando um todo
com pretensão de poesia.

— VII —

E logo o boi. Porque não o carneiro,
o búfalo, o cavalo?
É o fazendeiro, não o filósofo
natimorto no inconsciente.
É a idade grande, o pasto de asfalto.
É a manada de homens em eterno estouro
mal amanhece o dia.
São os boiadeiros de gabinete
sem o cavalo e o gibão de couro
tão incapazes de conter o estouro
que cruzam os braços e não fazem nada
capaz de por em ordem a manada.

Então percebo novamente a rima
voltar entre as palavra. É poesia?
Não creio. A poesia é pura
e termina onde começa a censura.

— VIII —

Rês perdida na manada
sem as cores da madrugada
o poeta caminha com os pés livres
de mãos no bolso, a cabeça baixa,
deixando os olhos grudados no chão.
Seu soluço é triste, porém pequeno.
Não tem valia como solução.

* * *

REFLEXÕES REFLETIDAS

Inventei um riso falso
para disfarçar meus olhos tristes.
Fiquei com aquela expressão
de quem chora de tanto rir.

Um rosto não é apenas uma fisionomia
ou simples objeto de fotografia.
Muito menos a parte mais alta
de um edifício preste a desabar.

O rosto é a alma no espelho
não o espelho da alma.
Ele traz as marcas
não do dia-a-dia, mas do noite-e-dia
e ficam em cada um de nós os sulcos
em formas de caminhos sem saídas.

Fazer a barba é apenas um pretexto
para avaliar o estado do terreno
em que cada dia
descobrimos uma nova topografia.
Ver tudo isso é função dos olhos
e chorar, coisa da alma.
Se dissermos simplesmente:
“o que os olhos não vêem
o coração não sente”
estaremos negando aos cegos
o direito de chorar.

Em cima os olhos vêem, analisam, choram.
Em baixo a boca fala, beija, come, escarra.
No meio, o nariz dá um suspiro profundo.
Tudo isso num rápido segundo
quando eu fazia a barba frente ao espelho
onde me descobri e sempre me aconselho.
Lá, a realidade é bem mais triste
e todo disfarce que no rosto existe
se dissolve em sabão e vemos uma
verdadeira face surgir da espuma.

* * *

PELAS RUAS E AVENIDAS

Seus passos foram lentos demais
para a pressa necessária.
Agora estava ali,
coberto pelo próprio jornal,
o mesmo que amanhã
dará a notícia de sua morte.
— Estava embriagado?
— Atravessou distraído?

Na multidão curiosa
a polícia procura testemunhas
e o formulário minucioso
colhe detalhes pro arquivo.
O corpo em diagonal
propõe uma indecisão:
ele ia ou ele vinha?
De nada vale saber.
O certo é que ele foi.
Flor arrancada do asfalto
com todas as suas raízes
e o vermelho no chão:
sinal fechado prá vida.
No centro do picadeiro
um homem pálido treme
sentindo o peso da culpa.
— “Foi ele”. Milhões de dedos
e outro tanto de olhos
em volta de dois destinos
que só hoje se cruzaram
no duelo implacável
da luta de todo o dia.
Na massa já dividida
pela inocência do morto
um carro se mantém neutro..
As providências legais
depressa removem o corpo
e logo nos esquecemos
— caçadores e caçados —
que podemos ser manchete
no jornal do outro dia.

— II —

Atravessar uma rua
no centro desta cidade
é brincar de suicida.
Mas como estarmos atentos
se existem mulheres nuas
promovendo os produtos
em painéis não censurados?
Como deixar de olhar

uma morena que passa
se elas, meu deus, são tantas
para dois únicos olhos?
Tudo isso mais as dívidas
o aluguel já vencido
acabou criando um tipo
de transeunte aéreo
comumente encontrado
atravessado na rua
embrulhado em jornal.

— III —

E o carro
que passa
depressa
buzina
desvia
se breca
não pára
atropela
e mata.

E o homem
que desce
depressa
olhando
o morto
se sente
esmagado.
Mas quem
o culpado?

— IV —

Talvez uma lei da física, não do trânsito
que não permite dois corpos
ocuparem o mesmo lugar
no espaço.
Quando isso acontece
um deles vai ocupar
um lugar no necrotério
reservado ao descanso
do transeunte aéreo
que, livre dos seus problemas,
o corpo já congelado,
mal disfarça um sorriso
guardado daquele instante
quando olhava o painel
do outro lado da rua
em forma de mulher nua

que, finalmente, era sua.

* * *

REENCANAÇÃO

— “Vamos ter de nascer de novo
e habitar novos corpos
para alcançar o perdão”.
Na esquina da minha rua
o homem falava firme
a bíblia embaixo do braço
e o dedo apontando o céu.
Mas eu não desejo tanto.
O paraíso é demais
para a minha ambição.
Meu espírito deseja apenas
a paz que um corpo não dá.
Já que os dois não combinam
não sei porque vivem juntos.
Um corpo tem seus mistérios
que a gente vai decifrando
entre carnes e desejos
porém com uma certeza
de um fim comum, onde o mistério
é afinal revelado
na terra do cemitério.

— “Mas além da morte carnal
o espírito sobrevive
e renascerá em outro corpo
para a sua redenção”.
O homem de terno escuro
passava o lenço na testa
sem saber que em meu quarto
eu desejava o descanso
bem mais que a redenção.
O espírito, se existe,

deverá ter seus mistérios
guardados além da terá
entre anjos vingadores,
dissimulado entre nuvens
onde não chega a voz
do pregador da esquina
que como eu, com certeza,
fala o que imagina.
Embora de fé oposta,
vivemos o mesmo esquema
querendo nos convencer
que a morte não é um fim.
Apenas uma parada
para troca de carcaça
em busca da perfeição
tão longe e tão distante
que nos coloca em extremo
dentro da mesma cidade:
como o arroz e o feijão
feitos na mesma panela
para uma eterna fome
de viver.

A morte não nos dá sossego.
Ela está em nós, crédulos e ateus,
como um secreto espinho
que incomoda e machuca.
Caminha ao nosso lado
nos dá bom dia e boa noite
e quando menos se espera
a noite será tão boa
que nunca mais amanhece.
Ou amanhece em outros olhos
como diz o meu irmão
de bíblia e terno escuro
parado na minha rua.

Mas isto me faz pensar
em qualquer ventre futuro
onde outro corpo me espera.
Já nasceu uma mulher
branca, preta ou chinesa,

que traz um eu projetado
no óvulo infecundo.
E quando chegar a morte
meu espírito liberto
viajará o espaço
e no momento exato
da união de dois corpos
descerá de novo à terra
e na explosão de esperma
penetrará entre o gozo
nadando em desespero
em busca de nova vida
afinal recriada.
Só por isso fui dormir
sentindo-me imortal.

* * *

LIÇÃO DE VIDA

As bolas de vidro coloridas
penduradas na árvore de plástico
tão falsas como o Natal.
Meu filho vibra. É fantástico
como o mundo se torna real
aos olhos de uma criança.
Para ele Papai Noel já bate à porta
e, a qualquer momento,
entrará pela janela
do apartamento.
E tão real é sua fantasia
que eu fico pensando quanto não seria
melhor a vida se a esperança
fosse por nós olhada com olhos de criança.
Isolado em meu mundo adulto,
não mais um homem, um vulto,
de repente me acho
sentado sobre o capacho
brincando com o meu filho
livre do meu eterno exílio.

Brincando com dois velhos amigos
que um dia se encontram e os tempos antigos
ficam a lembrar sem discussões ou medos
no mundo de paz que há entre os brinquedos.
Só isso me bastou como lição de vida
e a árvore de natal, a bola colorida,
antes tão irreais, cresceram tanto, tanto,
que eu me enchi de lágrimas de espanto.
A partir de então, eu sempre volto cedo,
corro depressa ao quarto de brinquedos
onde, confundidos na mesma alegria
vivemos o Natal a cada dia.

* * *

MADRUGADA

Tarde da noite ao esquentar café
notei cheio de espanto que havia cinza
junto ao fogão. Mas não havia lenha,
apenas gás. De onde essa cinza?
Quando queimou, já que estava fria?
Tentei limpar, mas ela não saía.
Diante do mistério parei um instante
e percebi que ela se movia
como o meu corpo e não era cinza
mas minha sombra a queimar no fogo
cremando o meu passado e deixando restos
de pó da vida junto ao presente
para se juntar no futuro ao pó da morte
num todo inútil sem nenhum proveito.

Luz é vida
corpo é meio
sombra é ilusão
fogo é verdade.
Entre eles a alma perde o sentido.
Como o gás do fogão que esquento o café
também a alma só é alma
quando está no corpo e esquento o amor.
O mais é suposição.

O que sabemos realmente
é que o café, como o amor,
pede um cigarro depois
e tudo acaba em cinzas.

— II —

Deveríamos ser mais felizes.
Como renascer a cada dia,
se a morte nos chega antes do amanhecer
quando sonhamos ter no outro dia
o carro novo, ou qualquer besteira
anunciada na televisão?
Compre, compre, compre.
Pague, pague, pague.
Morra, homem, morra.
A sociedade não pede, exige,
seu tributo se sangue.
Então aceitamos a tudo calados
porque a voz do povo é a voz de Deus
e Deus há muito que não fala nada.

— III —

O café ferveu e ficou imprestável.
O amor não ferveu e ficou impraticável.
O cigarro apagou e ficou infumável.
A rima empobreceu e ficou lamentável.
E a vida criada para ser notável
acabou se tornando insuportável
mesmo para um homem como o Capitão Marvel.

— IV —

Nesta altura dos acontecimentos
tudo está perdido. Até a noite.
Quantos, como eu, a esta hora,
passam a mão na cabeça
como a apagar todos os pensamentos
que chegam com a aurora.
O dia é pesado demais.
Padaria, açougue, emprego, cartão de ponto.

— O senhor está despedido.

— Ficha para o café.

— Sai um comercial.

A fome vem de metrô para o centro da cidade.

Os olhos não vêem senão o relógio.

Em casa a mulher espera
a hora da volta, que pode ser
agora, nunca, ou quem sabe.

— V —

Não fomos criados para isso.

Criamos isso e de criar nos perdemos.

No entanto, apenas uma decisão,
e tudo poderia mudar de repente.

Mas decidir é ato de vontade
enquanto somos apenas
vontade de decidir.

A vontade passa com o tempo
e um corpo sem vontade não é um corpo.

É tão somente uma sombra
na noite que é o nosso dia.

— VI —

O sol já fere minhas vistas injetadas
e o torpor da morte me convida ao sono.

Reluto entre a cama e o poema
e fico no sonho de ser mais feliz
de olhos abertos para o amanhã
que já não é amanhã, é hoje,
como todos os amanhãs que são ontem
e, como ontem, nunca mais.

Fecho o gás e a chama se apaga.

Fecho os olhos e o pensamento acende.

A cozinha amanhece e tudo toma forma.

Minha sombra se recolheu em mim
sonâmbulo consciente

feito uma besta com cara de sono

de bule na mão e cabeça vazia

jogando fora o café na pia.

Entre os dedos, o cigarro apagado.

* * *

AUTO-ELETRO-CARDIO-GRAMA

O enfarte, se vier,
será por acaso.
Preciso transmitir isto
aos meus irmãos.
Mas como, se eles não têm tempo?
Tempo. O que é o tempo?
Uma hora? Um dia? Uma vida?
Apenas um relógio e um calendário
e entre eles um emprego,
uma sociedade, e um coração amargurado
prestes a estalar.
Isto serve como receita
de um homem moderno respeitável.
Sou apenas um homem
o que já é bastante difícil.
Mas já fui um homem moderno respeitável.
Durante vinte anos tive um emprego
e freqüentei a sociedade.
Só que antes do meu coração amargurado estalar
optei por viver.
Viver. É tão simples
que se tornou impossível
num mundo em que as coisas simples
são complicadas.
Isto eu aprendi com meus amigos velhos
aqueles que ficam todas as tardes
sentados no jardim com o diploma da vida na mão
aguardando o dia da formatura.
Ali eu aprendi que o tempo não conta
pois um dia a mais de vida
é um de menos
e tão pequeno que nele não cabem

o orgulho e a vaidade.
Ah, os amigos velhos.
Entre um olhar humilde e uma cabeça branca
toda a síntese da vida.
entre duas mãos que tremem
e pernas que já vacilam
toda a síntese da matéria.
Entre a coragem da luta
e o desprezo da morte
toda a síntese do homem.
Entre meus amigos velhos
e os bancos do jardim
a síntese de toda a filosofia.

Isto sim eu queria transmitir
aos meus irmãos sem tempo.
O valor de uma aula ao ar livre
nesta faculdade aberta de canteiros verdes
e cabeças brancas
onde o reitor passeia, invisível,
de beca preta e foice na mão.
Lá, entre canteiros e bancos,
a flor e o mármore marcam o limite.
Transpô-lo é sublimar-se
para o verdadeiro tempo
onde reina o eterno nada.

Terminada a aula
o enfarte, se vier,
será por acaso.

* * *

FALÊNCIA

Calma.
Bastarei a todos.
Minha liberdade já doei
ao nascer.
Minha vida
ficará para a morte

por usucapião.
Minha alma será entregue
para quitar meus pecados.
Não sobrar  muito
além deste corpo
para as d vidas.
Mas deve bastar.
Para isso cuido muito bem
de mim.
A cada dia
falo menos.
A cada dia
poso menos.
Com os juro  dessa poupança
pagarei o crime
de estar vivo.

Meus credores incrédulos
ter o de passar recibo
sobre meu cadáver.

Minha honestidade
será cobrada em dobro.
Meus filhos pagarão
este crediário interminável
em favor dos deuses.

E assim continuará o ciclo
até estarmos insolventes
como a própria cria o
ora protestada.

* * *

H GIRA

A fuga do fugaz
o desespero
de andar em volta.

A incrível persistência
de ir em frente.

Desviar das barreiras de muros
e paredes.
Saltar sobre dores.
Aceitar o labirinto
como uma reta.

A esperança é tocha
levada em maratona.
Chegaremos?

Sem revezamento
a olimpíada diária
distribui suas medalhas.
Aos que perdem,
um epitáfio.
Aos que vencem,
uma lápide.

No podium
a terra prometida.

* * *

LABORATÓRIO

Minha avó estercava flores
com bosta de vaca.
O estrume cheirado
no perfume da rosa
era a vida.

No banheiro o papel higiênico
aguarda pacientemente
os ânus passarem
deixando suas marcas.

Todos os dias jogávamos fora
o papel usado na latrina
onde a nossa real fotografia
se imprimia.

Nas raízes do homem,

como na flor,
o esterco.

O mais é subproduto
de uma química celeste
que nos extrai o perfume,
o mau hálito,
um peido

* * *

SENHA

Xuxu apareceu naquele dia
muito afoito dizendo:
— “Burucutina na cagata du cududu”.
— “Ô loco. Que quer dizer isso?”
Ele não soube explicar. Só repetia:
— “Burucutina na cagata du cuduco”.
Todos os meninos saíram espantados
mas eu guardei as palavras.

Vai que o Xuxu, malando com era,
aprendeu isso com seu anjo da guarda?
Não custa decorar.
“burucutina na cagata ducuduco”.

Tenho a certeza de que é a senha
para entrar no céu.

* * *

CONTRASTE

No ladrilho branco da cozinha
uma formiga preta passeia.
Contraste simples e cotidiano.

Um filósofo pensaria:
“que faz esse pedaço ínfimo
da natureza
sozinho a esta hora

tão distante
da vida coletiva
do formigueiro?
Que desígnios carregam
em suas presas?
Terá a mão de Deus traçado
o seu caminho
ou move-a um desejo
suicida
de ser por pés humanos
esmagada?”.

O místico diria:
“forma informe
na alma presa
te desejei.
Passeias no branco
de meu deserto
impura.
Teu coletivo anseio
de estar só
comove.
Busco na vida
o segredo de viver
enterrado
pois enterrado vivo
na minha forma informe”.

Eu que não sou filósofo nem místico,
não digo nada.
Ou melhor, digo apenas
que no ladrilho branco da cozinha
uma formiga preta passeia.
Contraste simples e cotidiano
de uma realidade insofismável
mas bastante.

* * *

RÉQUIEM

No enterro de meu amigo

era permitido sorrir.
A morte era uma piada
ele sabia
tanto que, agonizando, já sorria.
Os filhos, rostos de pedra
onde não cabiam lágrimas.
Os netos, ressurreição.
O avô retorna
em pele fresca.

Vamos brincar de roda.
A alma é criança
não sabe o que fazer do corpo.
Brinquedo velho abandonado
entre flores de um jardim qualquer
repousa.

Os amigos de meu amigo
trouxeram suas crianças.
Já não havia espaço
para brincar na sala.
Meu amigo no sereno
e o centro da sala livre
para a vida.

Nosso espaço se reduzia
no tempo e dentro da casa
onde a cada minuto
cabíamos menos.

Já no quintal nos acotovelávamos
em volta do meu amigo
sereno.
Mais crianças estavam nascendo
na sala
e exigiam espaço
lá fora.

Esmagados
chorávamos de medo
da vida.

Fomos postos na rua
pela vida.

Agarrados na alça da morte
fugimos apressadamente
com o nosso amigo.
Enquanto nos enterrávamos
nossas mulheres pariam
prantos.

* * *

ENCONTRO DA POESIA

Poesia povo
e não charada.
Devolvê-la a quem pertence
simples como a vida.
O mundo é dos humildes
não dos místicos.
Numa caixa de madeira
de trinco frágil,
entrega-la.
Não em um cofre forte
de segredo obscuro
só conhecido pelo gerente
e seus lacaios.

Antes da poesia
o homem.
Antes da palavra
o homem.
Antes do homem
o povo.

Do outro lado o muro
— proteção sem liberdade —
e atrás do muro o poeta.
Só entra quem tem a chave
falsa.
Cada chave é diferente
para uma só porta

que na verdade nunca se abre.
Alma enferrujada
pelo ofício de esconder
o que é claro.

Poesia — diamante bruto
lapidado na vitrine
não em particulares cofres
de poucos afortunados.

Poesia — a palavra tempo
já foi escrita no muro.
Vê-se pelas rachaduras
que logo haverá de inundar
meu povo.

* * *

FARTURA

o estômago
maior que o coração
prevalece.

O pão de cada dia
é menos nosso.

Comeremos nuvens.

É só crescer
e alcançar o céu.

Quando acabarem as nuvens
e o céu limpo
comeremos estrelas.

Seremos um dia deuses
como estava escrito.

* * *

DOR UNIVERSAL

Doem as juntas
de tanto esforço.
Doem os pés
de tanto andar.
Doem os olhos
de tanto ver.
Dói aqui, dói ali.

O coro universal de lamentos
somado ao meu não muda nada.
Gelol, água quente,
talco, colírio,
adiam os sofrimentos
até doer a alma
de tanto viver.

O coro universal de pranto
será linimento.

— II —

Reage, corpo cansado,
que amanhã tem outro dia.
As novas dores somadas
hão de redimir.
Busca o prazer entre as dores.
Não encontrarás muito,
mas equilibra.
O tombo é só no final
do espetáculo.

— III —

Feitos para ir em frente,
inútil reclamar os meios.
Nossas fezes continuarão
a entupir esgotos
e nossas urinas
ainda é pouca para provocar
novo dilúvio.

Roeremos nossas unhas por muitos anos.
Roeremos os braços.
Nossos filhos nos roerão
de amor.

— IV —

De medo nos aglomeramos
de medo nos poluímos.
De dor nos lamentamos
de dor nos reduzimos
a nada.

Assim é
assim há de ser.

Uma secreta mão
nos modela e nos guia.
Ela maneja o açoite
e as cordas.

Caçados na eternidade
viajamos para a terra prometida
no porão grávido de um navio.
No porto, entre gemidos,
descemos.

Escravos da solidão,
presos ao pelourinho do corpo,
aguardamos nossa lei áurea
ser ditada por uma justiça verde
que, entre estrelas,
repousa.
Crescemos sob a lei da chibata.
Tudo é olho por olho,
já que perdemos os dentes
roendo ódio.

— V —

Mas a redenção virá
com o vento do campo

e o apito da fábrica.
A redenção virá como uma quermesse
entre repicar de sinos e foguetórios.
Virá na procissão dos mortos-vivos,
na malhação de Judas.

Na prece
na pressa
no preço
na praça
o grito universal de dor
será alforria.

* * *

BOIADEIRO

Abstrato
no trato
com homens
e bois
caminho de costas.

De frente
as dificuldades são as mesmas.
Um dia andarei de lado.

“Esquerdo ou direito?”
Na preferência da hora.

Chapéu na mão.
O sol no bigode
queima as palavras
carregadas.

Laço no ombro
logo no pescoço
e o nó na garganta.
Da manada
mais nada.

Perdi o faro na poeira.

De resto ficou o rasto
no pasto
já gasto.
A cavalo é mais fácil
chegar ao topo.
Escusa o coice
assimilado no ofício
de orden(h)ar.

As esporas crescem
no calcanhar.
Os pés são botas.

Falei demais.
Calado
travei a língua
na censura dos dentes
cerrados.

Se fui de seu agrado
muito prazer.
Apareça lá em casa
para um café.
Longe da cerca
o pasto é livre
e fora da casa grande
tudo é boi.

Marcado.

* * *

MANHÃ-TARDE-NOITE

Amanhece.
Todo dia amanhece
chuvoso, ensolarado, dúbio
em seu alheamento.
O processo é o mesmo
em nossa rotina mecânica desgastada.
Ensolarados, sorrimos.
Chuvosos, choramos.

Dúbios, vivemos.

Precisamente quando
uma oposta procissão de homens anoitece
amanhecemos.

A procura de pão pela manhã
antes de necessidade é vício.

Não cabe à noite a verdadeira fome?

Quando o corpo necessita de carne
a luz incomoda.

Gerados na noite para a noite
no intervalo de ventres
amanhecemos ofuscados.

O café tomado às pressas
sabendo a dentifício
recompõe em cada boca
o sabor de cada dia.

Uma individualidade coletiva
se junta e se dissolve
sem se perguntar.

As vozes soam o necessário.

Cada palavra tem seu preço.

O amor vale o silêncio
de estarmos vivos.

Estamos?

Assim querem os sentidos
em seus enganos.

Cada imagem, perfume, som,
cada gosto, os objetos
duros ou macios a cada contato
sugerem a mesma coisa?

Convencionamos nomes
colocamos selos
catalogamos
arquivamos.

Ao fim da longa tarefa restaremos
fichas em branco em arquivos municipais
impróprias ao manuseio.

De nada serve a flor
para borboletas espetadas.

O colecionador as olha
através da lâmina de vidro.
Ao menor contato
as asas esfacelarão.
As flores fenecem nos jardins.
As crianças olham pelas vidraças.
O colecionador dorme
enquanto anoitece.

Anoitece uma noite
rubro-cinza-enluarada
na sua certeza.
O processo é o mesmo.
A essa hora
somos cada um para enfrentar a noite.
Alma espetada pela solidão
com nossos olhos de vidro
observamos temerosos
o colecionador.

A qualquer instante
ao seu toque
esfacelaremos.

* * *

STATUS QUO

Nesta manhã acordei mais humano
que de costume.
Todos os meus sentimentos
pareciam ter nascido hoje
e descoberto o mundo.
Então sentei-me no jardim
e descobri que as plantas eram verdes.
Os pássaros deste século ainda cantavam.
Uma flor era uma flor
e tinha o seu perfume
como a abelha era a abelha
e fazia seu mel ainda doce.
A paineira era a paineira
e tinha suas painas ainda macias.

Testados todos os meus sentidos
tentei de novo acreditar
na vida.

Mas no jardim surgiu o pipoqueiro
empurrando o carrinho de pipocas.
Indiferente às minhas grandes descobertas
tocava uma buzina irritante
que espantou os pássaros
e confundiu meus ouvidos.
Depois veio o jardineiro
empunhando tesoura e foice
que ia cortando o verde
e confundiu os meus olhos.
A fumaça dos automóveis
confundiu o meu olfato
e a vida que por minutos foi doce
ficou novamente áspera
em minhas mãos.

(Sem nenhum sentido)

* * *

CONCERTO

Por sobre um antigo piano de sorriso amarelo uma antiga partitura. Podia se observar, comprimida entre as paralelas do pentagrama, uma melodia prestes a explodir. Havia certo brilho na armadura, onde uma clave de sol, orgulhosa, observava os bemóis ali dependurados. Na comunidade onde habitava a partitura tinha surgido, há tempos, uma rivalidade. Por definir a tonalidade, a clave e os bemóis reclamavam a liderança do grupo. Encontravam forte oposição do pentagrama, o qual alegava sustentar toda a melodia. Tinha a seu favor as notas, o compasso e a harmonia, os quais, em todo o grupo, eram os que mais trabalhavam. Surgiu até uma entidade dita terrorista (?), formada por sustentidos desgostosos, que provocavam acidentes de ocorrência, modulando a melodia.

Nesse clima tranqüilo, um grupo feminista liderado por uma gorda semibreve, promovia uma passeata de desagravo pela partitura, seguido de um alarido de mínimas, semínimas,

colcheias e semicolcheias, vigiadas de perto pela polícia das pausas e dos compassos, que já havia detido as confusas semifusas.

Ao lado de toda essa guerra, o velho piano, filósofo, sorria. Sabia como ninguém da inutilidade de tudo, até a dele, sem um toque divino. Apenas duas mãos e um sentimento e tudo se ordenaria de forma maravilhosa. Sabia como ninguém da importância de todos, cada um cumprindo o que lhe cabe. Então, antes do pianista chegar, falou com voz suave a toda a partitura. Destacou a importância da clave, elogiou bemóis e sustenidos, enfatizou a necessidade do pentagrama para a sustentação da melodia. Dirigiu-se em particular à harmonia, enaltecendo a beleza de seus acordes, tocando fundo em sua vaidade. Pediu vivas à polícia das pausas e dos compassos, pela ação rápida e severa na manutenção da ordem. De maneira paternal falou com a semibreve e suas seguidoras, ventres fecundos de melodia.

Quando o pianista chegou, a melodia comprimida explodiu no silêncio da sala. Espantado, confuso entre os aplausos, o pianista se retirou intrigado. Tocara, naquela noite, como nunca havia tocado. E até hoje olha admirado para as suas mãos, sem saber que no seu virtuosismo havia um pouco do sorriso amarelo, mas sábio, de um velho piano de concerto.

* * *

EM UM NATAL QUALQUER

Uma torneira velha na cozinha, com resfriado crônico, pingando ralo adentro até o meu sono. Uma avó doente ensaiando o último suspiro, soltando gemidos profundos. Eu, recolhido em meu terror noturno, os olhos bem apertados para fugir dos meus fantasmas. Revezavam-se a cada noite: janela batida pelo vento, gemido de cachorro magro, piar de coruja em mourão de cerca. O relógio da igreja batia as horas, longas como as ruas do sonho. Por quê dormir cedo? Os adultos encurtavam a noite com conversas proibidas. Ficavam até tarde nos bares proibidos. Para o proibido sobrava apenas o dia, os amigos, nossos pobres brinquedos de caixa de papelão e carretéis vazios, puxados por um barbante. Nesses veículos frágeis, carregávamos o fardo de nossa infância proibida. O sonho era crescer para a liberdade e crescemos todos. Livre do pingar de torneiras, sem os

gemidos na noite, descobri um terror diuturno maior. Hoje meus fantasmas são outros: uma conta que vence, um amigo que morre, mais um dia que passa — a guerra, em todos os seus sentidos. O velho relógio da igreja, taquicardíaco, batendo apressado as horas.

Busco crianças. Em festa de aniversário adulto não entra. Para brincar é preciso agachar. As pernas proíbem. Os carrinhos são de plásticos e tão perfeitos, que eu não ousar. E se ousasse, meu filho deixaria? Não. Meu fardo é pesado demais e os brinquedos feitos na medida para suportar a leveza da infância. Descobri tarde que cresci cedo para uma falsa liberdade. Para o ainda proibido sobrar a eternidade com os seus anjos, e seus carrinhos de nuvens, na medida exata para suportarem a minha futura infância de plumas. O paraíso é um parque de diversões gratuito. Pacientemente, aguardo a devolução da infância roubada.

* * *

**Composto e impresso nas oficinas da
EDITORA PIRASUNUNGA LTDA.
GRÁFICA O MOVIMENTO
Ladeira Padre Felipe, 2159 - Ano de 1981
PIRASSUNUNGA – SÃO PAULO - BRASIL**